

Revista Adventista

Vinde às Conferências

por E. G. WHITE

As reuniões gerais são um dos agentes mais importantes em nossa Obra para atrair a atenção do povo.

Temo-nos achado perplexos em nossa obra, por não saber como romper as barreiras do mundanismo e dos preconceitos, apresentando ao povo a preciosa verdade que tanta significação encerra para eles. O Senhor nos tem indicado que as conferências são um dos mais importantes instrumentos na realização dessa obra.

Qual o objectivo de nossas reuniões? Informar a Deus, instruí-Lo, dizendo-Lhe tudo que sabemos, em oração? Reunimo-nos para edificar-nos mutuamente mediante uma permuta de ideias e sentimentos, para adquirir forças, luz e coragem através do mútuo conhecimento de esperanças e aspirações; e por nossas orações fervorosas e sinceras, feitas com fé, somos refrigerados e fortalecidos na Fonte de nossas forças.

Deus confiou a nossas mãos uma obra por demais sagrada, e necessitamos de nos ajuntar em reunião para receber instruções, a fim de nos habilitarmos a realizar essa obra. Precisamos de compreender que parte seremos individualmente chamados a desempenhar na edificação da obra de Deus na Terra, em vindicar Sua santa lei, e em exaltar o Salvador como o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo». Precisamos de nos reunir e receber o toque divino a fim de compreendermos qual deva ser a nossa obra.

Sendo devidamente dirigida, a conferência é uma escola onde os pastores, anciãos e diáconos podem aprender a fazer uma obra mais perfeita para o Mestre. Ela deve ser uma escola onde os membros da igreja, velhos e novos, tenham oportunidade de aprender mais perfeitamente os caminhos do Senhor, um lugar onde os crentes rece-

bam educação que os habilite a ser de auxílio a outros.

As nossas conferências são preparadas e levadas a efeito à custa de grandes despesas. Os ministros de Deus, advogados de uma verdade impopular, trabalham excessivamente nessas grandes reuniões para apresentar a mensagem de misericórdia do Redentor crucificado a pobres pecadores caídos. Negligenciar essa mensagem, ou tratá-la com indiferença, é menosprezar a misericórdia de Deus e Sua advertência e súplica. Vossa ausência nessas reuniões tem sido deveras prejudicial ao vosso bem-estar espiritual. Tendes perdido o vigor que poderíeis haver adquirido aí mediante as pregações da Palavra de Deus, e o convívio dos adeptos da verdade.

Todos os que puderem, assistam a essas reuniões anuais. Todos devem sentir que Deus requer deles isto. Se não se aproveitam do privilégio que o Senhor lhes proporciona a fim de que se tornem fortes n'Ele, e no poder de Sua graça, tornar-se-ão mais e mais fracos, tendo cada vez menos desejo de consagrar tudo a Deus.

Vinde, irmãos e irmãs, a essas sagradas reuniões, a encontrar Jesus. Ele subirá à festa. Achar-Se-á presente, e fará por vós aquilo que mais necessitais. Vossas fazendas não podem ser consideradas de maior valor do que os altos interesses da alma. Todos os tesouros que possuíis, por mais valiosos que sejam, não vos bastariam para comprar paz e esperança, as quais vos serão de infinito lucro, ainda que vos custem tudo quanto tendes e as lidas e sofrimentos de toda uma existência. Uma compreensão clara e firme das coisas eternas, e um coração disposto a entregar tudo a Cristo, são bênçãos de maior valor do que todas as riquezas, prazeres e glórias deste mundo.

SERVIÇO CRISTÃO

Mantenhamos os nossos princípios

por W. R. BEACH

Presidente da Divisão Sul-Europeia

Numa recente assembleia anual, um delegado levantou-se e dirigiu mais ou menos as seguintes palavras aos irmãos reunidos:

«Não é necessário exercitarmos o nosso senso crítico ou sermos levados ao pessimismo, para vermos que as nossas igrejas se deixam penetrar pelo espírito do mundo. Seria cego quem se não desse conta disso. Já se não atribui aos princípios o valor de outrora. São desdenhados e por vezes mesmo ignorados. Escolhem-se para ocuparem lugares em nossas igrejas pessoas que não tomam a peito a manutenção de nossos princípios evangélicos ou que exercem neste domínio apenas uma bem fraca influência. Não será tempo de reagir?»

As palavras do delegado encontraram uma aprovação quase geral. Outras pessoas tomaram a palavra, quer para assinalar o seu acordo, quer para exprimir as suas reservas. Afirmou-se, por exemplo, que as Igrejas, como tais, reagiam contra as infiltrações do mundo, mas que certo número de membros, tomados individualmente, não faziam outrotanto. Urgia, pois, realizar primeiramente uma obra individual, para depois se tratar do problema geral.

Devemos reconhecer que o problema individual é de primeira urgência. Quantos em nossas igrejas, se mantêm em difícil equilíbrio numa corda, tendo à direita a verdade, Deus, e à esquerda o erro. Satanás! Para dar mais relevo à sua vida, dizem por vezes essas pessoas, para poder aliviar melhor a miséria e compadecer-se das fraquezas dos outros, para servir melhor os interesses da «causa», é necessário ter «experiência» do mundo, fazer-lhe certas concessões sem consequências. Grave erro! Ninguém melhor do que Cristo Se compadeceu das fraquezas humanas, ninguém melhor do que Ele serviu os interesses do reino de Deus. E todavia nenhuma sombra jamais atenuou o Seu brilho. Foi isso que deu relevo à Sua personalidade.

Sugere-se, por outro lado, que devemos ter «o espírito da época». Sim, devemos ser do nosso tempo. A Bíblia não o proíbe.

«Não peço que os tires do mundo, dizia Cristo falando dos Seus discípulos, mas que os livres do mal», isto é, do mundo. Podemos estar *no* mundo sem sermos *do* mundo ou estarmos *com* o mundo, sem servir a dois senhores, ou antes, sem nos esforçarmos por os servir. O cristão está no mundo, mas o mundo não penetra nele.

Sem dúvida devemos ser do nosso tempo, aproveitando dele o que Deus lhe deu. Não podemos viver como se vivia outrora. A cada instante, sem mesmo darmos conta, somos do nosso século. Mas não devemos tornar-nos escravos dele. Aquele que relatava no Evangelho as palavras da oração sacerdotal acima citadas, escrevia aos filhos de Deus da sua época: «Não ameis o mundo, nem o que no mundo há... porque o mundo passa, e a sua concupiscência, mas o que faz a vontade de Deus permanece para sempre». (1 João 2:15, 16).

Tenhamos, pois, o cuidado de não sacrificar os nossos princípios para seguir o mundo. Vigieemos particularmente quanto aos seguintes pontos:

- Casamento com incrédulos;
- Abuso da moda;
- Associações comerciais;
- Leituras nocivas;
- Instrução profana;
- Regime alimentar;
- Prazeres e espectáculos.

Encaremos agora o problema sob o ponto de vista colectivo. Têm os nossos pregadores uma parte de responsabilidade? Sem dúvida alguma. A de manter resolutamente os nossos princípios, empenhando nisso toda a autoridade do ministério. Sem isso, a corrente de mundanismo que ameaça as igrejas converter-se-á num rio devastador.

Não percamos nunca de vista que os interesses da Igreja são superiores aos interesses de qualquer membro.

Um ancião de igreja cuja conduta é duvidosa e que, por sua atitude e por seus actos, sua influência ou conversação, lança o descrédito sobre a igreja, devia ser advertido e exortado com amor. Se não manifesta o desejo de mudar de vida, deve ser substituído. Escolher-se-á para ocupar o seu lugar uma pessoa verdadeiramente

consagrada que honre os princípios da Igreja. Se não se age prontamente, toda a assembleia corre o risco de ir à deriva.

Uma diaconisa, uma professora primária, uma pessoa com um cargo na sociedade de jovens e que exerce pela sua maneira de trajar, os seus modos, suas companhias ou seu espírito mundano, uma influência tendente a enfraquecer a importância dos princípios do Evangelho, será caritativamente posta de sobreaviso. Se recusar mudar de conduta, prover-se-á à sua substituição.

Tudo isto, dir-se-á, é mais fácil de dizer do que de fazer. Mas deve fazer-se, ainda que custe. Se não se procede assim, se não se levanta nenhum protesto, o silêncio será sinónimo de consentimento.

Eis um caso difícil: o de uma cantora distinta. Deseja-se que ela ponha o seu talento ao serviço da igreja e é escolhida como organista e directora do coro, sem

ter em vista o facto de que o seu vestuário é mundano e que ela tira vaidade dos seus dons. Faz-se-lhe uma observação; ela ofusca-se e ameaça retirar-se. Que fazer? Só uma coisa: se os princípios da Palavra de Deus devem ser salvaguardados a todo o preço, e devem, essa artista será libertada da sua responsabilidade. Afinal a igreja ganhará em ser privada de um talento que não está inteiramente consagrado ao serviço do Mestre. Terá vantagem em obter os serviços de um cristão sincero cujo sentido musical não é talvez tão desenvolvido mas que tem uma experiência cristã pessoal, testemunhada pela sua maneira de viver. Com efeito, o prestígio, a influência pessoal, as atitudes, a posição, a popularidade, os talentos só têm valor quando sejam inteiramente consagrados a Deus e nunca devem ser aceites como substitutos de uma comunhão viva com o Senhor e de uma consagração completa ao Seu serviço.

Timidez e Presunção

por G. CUPERTINO

Secretário-Associado da Associação Ministerial da Divisão Sul-Europeia

Quando viajamos através das cidades e aldeias trepidantes de actividade, e vemos as pessoas absorvidas na prossecução de ilusões e prazeres, como obreiros de Deus, não podemos deixar de pensar na pesada tarefa que impende sobre nós: advertir este mundo o mais rapidamente possível.

Choca-se então no nosso espírito uma multidão de sentimentos e de ideias. O nosso pensamento é influenciado pelo que vemos e precisamos nada menos do que do socorro do Alto para nos libertarmos de certas tendências nefastas entre as quais a timidez e a presunção.

Estamos em presença de dois extremos. A timidez, que vai até ao medo, apodera-se do obreiro quando ele considera demasiadamente o aspecto humano das coisas e não suficientemente o aspecto divino. Este assalto da timidez ameaça-nos a todos e deve ser repellido enérgicamente por um espírito de confiança em Deus. Caso contrário, será a derrota. Foi por terem olhado com os seus olhos mais do que com os olhos de Deus que os dez espias voltaram com o triste relatório: «Aquele povo... é mais forte do que nós». Num. 13:31.

Corremos todos o mesmo perigo. Perante o poder dos homens, o seu ouro, o seu número, a sua organização e a sua influência, corremos o risco de nos submergirmos perdendo de vista o lado positivo, isto é, o lado divino da nossa missão, o mesmo que levou Josué e Caleb, animados de «outro espírito», a exclamar: «Subamos animosamente, e possuamo-la em herança; porque certamente prevaleceremos contra ela». Num. 13:30.

No Novo Testamento, Paulo dá-nos a mesma lição. Ele salienta o facto de que «Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes». 1 Cor. 1:27. Isso tem-se repetido muitas vezes no curso da história: a vara simples de Moisés levantou-se contra Faraó; para fazer cair os muros de Jericó, bastou a marcha estranha e silenciosa de um povo desarmado, acompanhando a arca; e para fazer face ao exército de trinta e cinco mil amalequitas, bastaram trezentos homens munidos de cântaros e de tochas.

Os exemplos multiplicam-se para confirmar que «não é por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito», que se rea-

lizará esta obra. Zac. 4:6. É assim que vemos a funda de um jovem pastor abater de um só lance o gigante Goliath, a honra de Deus reivindicada na corte de Babilônia por um pequeno número de jovens exilados e um homem, vestido simplesmente de pêlos de camelo, proclama a mensagem do arrependimento nas vésperas do ministério de Jesus. Sim. «Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são». 1 Cor. 1:28. Quando o jovem obreiro, mesmo sem possuir louros académicos, aceita o apelo de Deus, aproveita todas as ocasiões para se formar e instruir, e se torna pela oração e o estudo um homem da Bíblia, — pode avançar com a firme certeza de que obterá a vitória. «Porque Deus não nos deu o espírito de temor mas de fortaleza, e de amor, e de moderação». 2 Tim. 1:7.

O outro perigo que nos espreita é a presunção ou, noutros termos, a suficiencia própria. Quando permitimos que esta tendência domine a nossa vida, estamos certamente no caminho da derrota. Na época de conquista de Ai, alguém disse a Josué: «Não suba todo o povo... porque poucos são os habitantes daquela cidade». Josué 7:3. Sublinhemos de passagem que isto ocorreu no dia seguinte ao da grande vitória

de Jericó. Da mesma maneira, é fácil, após uma campanha vitoriosa, esquecer que foi Deus quem nos deu a vitória. É fácil também cairmos num optimismo que não passa de uma cegueira. Sim, devemos expulsar o temor e avançar pela fé. Mas devemos também tomar consciência da realidade, medir toda a grandeza da nossa missão, e sentir, humildemente, a nossa pequenez e a desproporção que existe entre a obra e o obreiro. Isso não nos levará ao desânimo, mas a uma comunhão mais íntima com a fonte de toda a força, Deus.

Preenchidas estas condições, não haverá limite para as grandes coisas que Deus poderá realizar por meio de homens e de mulheres que tenham os olhos abertos e o coração firme. À timidez, oponhamos pois a firme confiança dos crentes. À presunção, a humildade de coração. Nada menos do que isto é necessário para uma acção equilibrada. Em vez de cairmos hoje no fogo do entusiasmo para amanhã nos precipitarmos no abismo do desânimo, avancemos prudente mas vitoriosamente, sem temor e sem presunção. Nossa marcha será então segura, como a «vereda dos justos... como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito». Prov. 4:18.

UMA VISITA À MISSÃO DO CUALE

por OTTO SCHUBERTH

Secretário do Departamento de Educação da Divisão Sul-Europeia

Depois de chegar a Angola, a minha primeira visita foi à missão de Cuale.

Tendo partido de Luanda, percorremos 427 quilómetros em caminho de ferro na direcção de leste, e chegámos a Malanje. O trajecto efectuou-se a princípio através de uma vasta planície, e depois o nosso comboio pôs-se a subir serpenteando na luxuriante floresta virgem, até uma altitude de cerca de mil metros acima do nível do mar.

Em Malanje, o missionário Candeias tinha vindo ao nosso encontro. Como já era tarde, esperámos até o dia seguinte para emprendermos, no carro da missão, a última parte da viagem — um percurso de 185 quilómetros, que nos levou para o norte, em direcção a uma região tropical

semeada de aldeias indígenas de aspecto pacífico. Passámos junto das cataratas do Duque de Bragança, de 90 metros de altura, e transpondo o rio Lucala, vimos na margem um crocodilo de 3 ou 4 metros, que os nativos tinham morto na véspera, e que, segundo se dizia, tinha devorado diversas pessoas. Devido ao mau estado das estradas e a outras dificuldades diversas, só chegámos à tarde à nossa estação missionária, a 5 quilómetros de distância da pequena cidade de Cuale.

O seu aspecto dá de entrada uma impressão favorável. A casa do irmão Candeias atrai desde logo a atenção. É um belo edifício de tijolo, de um andar, cujas divisões espaçosas são mantidas em perfeita ordem pela irmã Candeias. Parece

estranho ver uma chaminé de cobertura de tijolo vermelho aqui em África, mas revela-se muito útil, porque o ar é por vezes agudo nesta altitude. A sala de banho com água corrente constitui igualmente uma surpresa agradável, e um pequeno aparelho de telefonia põe este escondido recôndito da selva africana em contacto com o resto do mundo. O quarto para as visitas tem camas confortáveis e tudo o que é necessário para a «toilette», de maneira que poderíamos crer estar na Europa, apesar de nos encontrarmos numa região selvagem e infestada de leões.

Uma casa semelhante à que acabamos de descrever é habitada pelo professor europeu, irmão Carlos Esteves, e sua esposa, que é enfermeira. Este casal chegou recentemente de Portugal.

A nossa obra exerce-se aqui em favor dos Jingas, tribo quase totalmente pagã. É sobretudo por meio de nossas escolas que obtemos resultados. Além da escola da estação principal, frequentada por mais de duzentos rapazes e meninas, contam-se dezasseis escolas do mato num raio de noventa quilómetros. Tendo-se tornado demasiado pequena a escola do Cuale, empreendeu-se a construção de um segundo

edifício de tijolo, que será o edifício mais importante da estação; compreende quatro grandes salas de classes, de aspecto atraente.

Na pequena clínica da missão, a irmã Esteves administra cada dia entre cinquenta a sessenta tratamentos médicos a doentes, a maior parte dos quais vindos de longe. No decurso do ano passado, uma aldeia adventista, cujo aspecto limpo e ordenado testemunha em favor da nossa mensagem foi construída perto da missão.

Durante a nossa estadia no Cuale, tivemos ocasião de falar não só aos alunos, mas a uma assembleia de cerca de quatrocentos indígenas. A capela é simples mas de bom aspecto. As famílias Candeias e Esteves trabalham arduamente. A escola é dirigida segundo os princípios da educação cristã. Pudemos observar os alunos trabalhando na horta e nas oficinas, e estudando nas classes: e ficámos com a impressão de que se está realizando uma tarefa duradoira. Queira Deus abençoar abundantemente os esforços dos nossos missionários que trabalham nesta secção da Sua vinha, longe da pátria e cercados de numerosos perigos.

Que pensar de nossas Apostasias?

Um membro de igreja, que agora é negligente e indiferente, pode ter sido o fruto de ásperas lutas e de fervorosas orações por parte do obreiro bíblico ou do pregador. Uma vez tomada a sua decisão, pode ter sofrido pela sua nova fé. Na alegria e entusiasmo do seu primeiro amor, renunciou voluntariamente ao seu emprego, e expôs-se ao escárnio dos seus e dos seus amigos. E todavia, se, por um motivo ou outro, o seu caso é considerado em conselho, sucede muito frequentemente que a sua sorte é confiada a pessoas que ignoram a situação e que parecem pouco saber o que seja pleitear com Deus para levar uma alma à decisão.

Os registos de igreja são mais do que um balanço, e os membros negligentes mais do que algarismos que se cortam à vontade. São almas adquiridas pelo sangue de Jesus e conduzidas a Deus à custa da própria morte do Redentor.

Há algum tempo, visitando um lar, deparou-se-nos uma família triste e magoada. Tivemos dificuldade em compreender o motivo, porque havia alguns anos que a tínhamos visto feliz no Senhor. Algo se passara. Com efeito, duas semanas antes da nossa visita, tinha sido enviada a essa família a seguinte carta:

«Prezado Irmão,

«Na minha qualidade de secretário da igreja foi-me pedido para o informar de que, devido às suas numerosas ausências aos cultos e à sua falta de interesse pelas actividades da igreja, o seu caso será examinado por altura da nossa próxima reunião de negócios (data) e que procederemos à sua eliminação.

«Desejaria que pudéssemos receber as suas notícias antes dessa reunião ou que tivéssemos o prazer de o ver lá a fim de

evitar a necessidade de tal medida. O irmão tem necessidade do Senhor e o Senhor tem necessidade do irmão.

«Saudações.

.....
Secretário da Igreja.»

A família ficou consternada ao receber uma carta tão fria, tão pouco cristã. Essa boa gente, é verdade, não assistia às reuniões havia já certo tempo; mas tinham motivos para isso: a doença e meios de transporte difíceis. Também é verdade que se tivessem querido teriam podido arranjar as coisas de modo a assistir pelo menos a algumas reuniões. Seja como for, tinham de tratar com um grupo de irmãos que se não apercebiam da gravidade da sua situação. O que é pior, é que nenhum irmão tinha ido vê-los e apesar disso não houve hesitação em lhes enviar a carta que acabamos de ler. De facto, antes da nossa visita, o conselho tinha-se reunido, e os membros dessa família, no que respeita ao registo, já não eram membros de igreja.

Eliminar membros não é complicado. Este dever não exige nenhum passo especial. Mas o próprio facto de desligar um membro do registo da igreja devia ser o acto mais doloroso e mais humilhante que uma igreja pode cometer. Há casos em que membros devem ser separados da Igreja de Deus. Mas poderemos tomar esta decisão sem ter lutado e orado com eles? Como bons pastores, lembremo-nos de que o Sumo Pastor deu a Sua vida pelas Suas ovelhas. Como, pois, poderemos ser indiferentes à nossa responsabilidade de sub-

pastores? Há actos pelos quais teremos de responder na hora do juízo. Os membros fracos têm necessidade de que nos ocupemos deles e não de que os negligenciemos.

Dobrar o número dos membros é mais do que reconduzir os que se perdem. É conservar os que já temos e firmá-los na fé. Um ex-adventista descontente e queixoso é a pior das propagandas. Vigieiros para que os nossos actos não causem amargura aos nossos irmãos e os não afastem da verdade.

Há numerosas causas de indiferença e de apostasia. Acautelemo-nos para que nenhuma apostasia seja provocada por nossa atitude fria e indiferente. Se a ovelha se transvia, todo o bom pastor sairá, e fará o impossível, com perigo da sua própria vida, para a reconduzir ao aprisco. Cada membro de igreja, na sua qualidade de pastor, deve tomar a peito os interesses espirituais, financeiros e materiais da igreja — a começar pelos interesses espirituais, que são os mais importantes. Construamos, pois, barreiras contra o inimigo, e mantenhamos o rebanho de Deus no abrigo do aprisco.

Que este apelo do Conselho de Outono de Conferência Geral (Setembro de 1952) dirigido ao campo mundial seja ouvido por cada obreiro, por cada dirigente e por cada membro da igreja. Que cada um se revele mais fiel no seu trabalho em favor do rebanho de Jesus Cristo!

R. A. ANDERSON

Secretário da Associação Ministerial da Conferência Geral dos A. S. D.

Citações do Espírito de Profecia sobre o Dízimo

Para o que ama a Deus, o Dízimo não é um fardo

«No sistema bíblico de dízimos e ofertas, as importâncias pagas por diferentes pessoas variam grandemente, visto que são proporcionadas à receita. Para o pobre, o dízimo será uma soma relativamente pequena, e os seus dons serão de acordo com as suas possibilidades. Mas não é a grandeza do dom que torna a oferta aceitável a Deus; é o propósito do coração, o espírito de gratidão e amor que ele expressa.

Não pensem os pobres que os seus dons são tão pequenos que não são dignos de nota. Dêem-nos de acordo com as suas possibilidades, sentindo que são servos de Deus, e que Ele aceitará a sua oferta.

«Aquele a quem Deus confiou um grande capital não considerará um fardo, se ama e teme a Deus, o ir ao encontro das indicações de uma consciência iluminada de acordo com as pretensões de Deus. O rico será tentado a condescender com o egoísmo e a avareza, e a reter do Senhor o que Lhe pertence...

«Em vista de todos os dons que Deus nos concede, pergunta-se: 'Roubará o homem a Deus?' Como se tal pecado não fosse possível. Mas o Senhor declara: 'Vós Me roubais'. Deus lê o cobiçoso pensamento em cada coração que se propõe reter o que Lhe pertence. Deus vê os que egoisticamente negligenciam pagar os seus dízimos, e trazer os seus dons e ofertas à tesouraria. O Senhor Jeová compreende tudo isso. Assim como há um memorial escrito perante Ele para os que temem a Deus, e que pensam no Seu nome, assim também é conservado um registo de todos os que se apropriam para si mesmos dos dons que Deus lhes confiou para usarem para a salvação das almas.» — *Review and Herald*, 16 de Maio de 1893.

Deus deixa-nos livres para determinarmos o nosso Dízimo

«As ofertas voluntárias e o dízimo constituem a receita do evangelho. Dos meios confiados ao homem, Deus requer uma certa porção — o dízimo; mas deixa a todos livres para dizerem quanto é que constitui o dízimo, e se sim ou não darão mais do que isso. Devem dar segundo proponham nos seus corações. Mas quando o coração é despertado pela influência do Espírito de Deus, e se faz um voto para dar certa importância, aquele que votou já não tem direito à porção consagrada. Tomou o seu compromisso perante os homens, e eles são chamados a testemunhar a transacção. Ao mesmo tempo incorreu na obrigação do mais sagrado carácter de cooperar com o Senhor no estabelecimento do Seu reino na Terra. Promessas desta espécie feitas aos homens seriam consideradas obrigatórias. Não são elas mais sagradas e obrigatórias quando feitas a Deus? No tribunal da consciência são essas promessas consideradas menos obrigatórias do que os acordos escritos com os homens?» — *Testimonies*, vol. 5, p. 149.

Ofereçamos de boa vontade

«O Senhor requer que Lhe restituamos em dízimos e ofertas uma parte dos bens que Ele nos emprestou. Ele aceita essas ofertas como acto de humilde obediência de nossa parte, e como grato reconhecimento do que Lhe devemos por todas as bênçãos que desfrutamos. Ofereçamos pois,

de boa vontade, dizendo com David: 'Tudo vem de Ti, e da Tua mão t'Ó damos'. Reter para si mais do que convém leva à pobreza. Deus suportará durante muito tempo alguns, e experimentará e provará a todos; mas a Sua maldição seguirá certamente o que professa a verdade mas é egoísta e amante do mundo. Deus conhece o coração; todo o pensamento e todo o desejo estão patentes aos Seus olhos. Ele diz: 'Aos que Me honram, honrarei, porém os que Me desprezam serão envilecidos'. Ele sabe a quem abençoar, e quem é digno da Sua maldição. Ele não comete erros; porque os anjos têm um registo de todas as nossas obras e palavras.» — *Testimonies*, vol. 5, pp. 267, 268.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

História da Reforma do Décimo-Sexto Século, por J. H. Merle d'Aubigné, traduzida do original francês. American Tract Society, Nova Iorque.

Tomo I, 501 páginas.

Tomo II, 493 páginas.

Preço dos dois volumes — Esc. 30\$00.

Foi com alegria que soubermos há pouco existir em português esta clássica obra sobre a história da reforma.

Estamos na sede fazendo esforços para obter alguns exemplares que fiquem à disposição dos nossos obreiros e membros da igreja que os desejem adquirir.

Para elucidação dos leitores que não conheçam a obra, passamos a resumir o seu índice:

Livro I — Estado de coisas antes da Reforma (9 caps.).

Livro II — Juventude, conversão e primeiros trabalhos de Lutero — 1483-1517 (11 caps.).

Livro III — As indulgências e as teses — 1517 — Maio de 1518 (11 caps.).

Livro IV — Lutero ante o Legado — Maio a Dezembro de 1518 (11 caps.).

Livro V — A disputa de Leipzig — 1519 (8 caps.).

Livro VI — A Bula de Roma — 1520 (12 caps.).

Livro VII — A dieta de Worms — De Janeiro a Maio, 1521 (11 caps.).

Livro VIII — Os Suíços — 1484-1522 (14 caps.).

Através do Mundo Adventista

Meu texto favorito

(Testemunho numa reunião de testemunhos de irmãs chinesas em Singapura).

Lembro-me de como há seis anos manifestei a minha mãe a minha decisão de me tornar cristã. Disse-me ela:

«Filha, não faças objecções a seres baptizada e tornares-te cristã, visto eu acreditar que todas as religiões são o mesmo, mas para teu bem aconselho-te a aguardares um pouco. Se te tornares cristã agora, não podes mudar de religião. Mas se não abraçares nenhuma fé particular agora, podes facilmente ajustar-te a qualquer ambiente e seguir qualquer profissão que se apresente como mais favorável.»

Amei sempre a minha mãe e respeitei o seu conselho e juízo. Mas nesta altura eu enfrentava uma pergunta que a maior parte dos cristãos têm feito a si mesmos uma vez ou outra: «Amo eu tanto a Deus e tomo a religião tanto a sério que deseje dar o primeiro lugar a Deus em todos os meus planos?»

Durante dias ponderei esta pergunta em meu espírito.

A resposta veio enquanto eu recebia um estudo bíblico da Sr.^a M. S. Tan. Abrimos Mateus 6:33, e ali Jesus falou-me: «Busca primeiro o reino de Deus e a Sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas.»

Sim, Jesus prometeu; Ele nunca falha. Fui baptizada numa tarde chuvosa, sem a presença de qualquer dos meus queridos. Não levantavam então objecção, mas não mostravam simpatia.

A maior parte das minhas amigas nunca mais me quiseram ver depois de me ter tornado adventista do Sétimo Dia. Vieram desilusões, provas, dificuldades. Mas de cada vez que eu desanimava e a vida me parecia difícil de suportar, agarrava-me à promessa do Senhor e pedia a Deus que me ajudasse através das minhas provas.

Seis anos se passaram desde então. Conheci tristezas e tentações, mas conheci também a paz e alegria da vida cristã. Perdi muitos amigos, mas na igreja encontrei muitos amigos mais verdadeiros e

queridos, que têm sido bondosos e leais para comigo.

Por vezes não tenho vivido à altura do ideal que Deus apresenta perante o Seu povo, mas Ele tem sido misericordioso. A vida não tem sido um mar de rosas, mas venha o que vier, esforço-me sempre por conservar os meus olhos em Mateus 6:33, e oro para que, pela graça de Deus, possa um dia atingir o lar celeste, onde trocarei a minha cruz por uma coroa. — *Sharon Oh*

Nossos Colégios na África do Sul

Há dois colégios na União da África do Sul. A escola mais antiga, Helderberg College, perto da cidade do Cabo, tem um forte corpo docente e oferece vários cursos bem escolhidos, salientando-se os de professor, comercial e de teologia. Tanto o hebraico como o grego vão ser ensinados no próximo ano lectivo.

O nosso outro colégio da África do Sul acaba de surgir de uma escola secundária. É em Sedaven, no Transval. O corpo docente está ainda em organização, e o número de alunos vai aumentando. — *Frank H. Yost.*

Nossa Obra em Timor

Há dezanove anos o nosso primeiro obreiro foi a uma aldeia na pequena ilha de Timor (parte holandesa). Esforçou-se por arrendar um lugar onde pudesse permanecer enquanto fazia o trabalho de colportagem. Quando os católicos romanos souberam da presença do colportor na povoação, avisaram o povo para não comunicarem com ele, não lhe comprarem os livros, nem lhe alugarem uma casa para viver. Assim o obreiro passou um tempo muito difícil, mas finalmente conseguiu encontrar abrigo. Ali instalado, perguntou para si mesmo: «Como vosso agora começar o meu trabalho? Que hei-de fazer?»

Ora ele sabia tocar violino, de sorte que levou o seu instrumento e uma cadeira para o meio da aldeia, sentou-se e começou a tocar. Passado algum tempo algumas pessoas começaram a olhar timidamente e a aproximar-se. Quando escureceu

um homem levou-lhe uma lâmpada para que ele pudesse seguir a música. Outro teve compaixão dele e trouxe-lhe algum alimento, que até então nem sequer lhe queriam vender. Depois de comer, o colporteur tocou até à meia-noite. Reuniu-se um grande grupo e algumas pessoas começaram a fazer-lhe perguntas acerca do seu trabalho, de maneira que ele pegou no seu prospecto e falou ao povo sobre os seus livros. Foram comprados alguns. Noite após noite ele tocava o seu violino e vendia livros. Posteriormente seguiram-se mais dois colportores; e depois foi enviado um ministro para baptizar e organizar uma igreja de sessenta crentes.

Casa Publicadora Francesa

O total de vendas para o ano de 1952 subiu a 124.880.011 francos. Nesta soma está compreendida a venda de 90.982 livros diversos.

Foi a seguinte a tiragem média mensal de nossas diferentes revistas:

«Vie et Santé»	90.000
«Signes des Temps» ...	12.000
«Revue Adventiste» ...	2.200
«Review»	7.200
«Jeunesse»	2.500

Imprimimos durante o ano de 1952:

1.825.432 revistas diversas
51.000 livros
50.000 trimensários da Escola Sabatina
8.120 Devições Matinais
40.000 brochuras
100.000 prospectos e outros materiais diversos.

Temos todo o motivo para nos regozijarmos pelos resultados obtidos e para agradecer a Deus pessoa Sua assistência, mas temos ainda vastos progressos a realizar. — *M. Duplowy.*

«Não se pode livrar dele?»

Um colporteur refere o seguinte: Quando ia de casa em casa, colportando, apareceu numa delas uma senhora que me convidou para entrar. Na semana anterior eu vendera um livro no andar de cima. Essa senhora chegou à janela e chamou o marido. Este disse:

— Dize-lhe que não queremos nenhum livro hoje.

Vi que não adiantaria procurar vender livros naquele lugar, mas prossegui:

— Enquanto estou aqui, há alguma pergunta que a senhora deseje fazer acerca da Bíblia?

Ela começou a fazer perguntas, e notei que estava sinceramente interessada. Fez-me algumas perguntas de muita importância para a salvação.

Enquanto falávamos, o marido chegou à janela e perguntou:

— Que há? Não te podes livrar dele?

Respondeu ela: — Sim, um minuto apenas!

Eu disse a essa senhora que mandaria alguém a visitá-la. Pedi então a uma das irmãs da igreja que visitasse aquele lar. Ela foi e combinou dar estudos bíblicos. Depois de uma série de estudos essa família foi baptizada. — *Go.*

Uma reunião de oração

Em certo lugar os membros da igreja realizavam todas as quartas-feiras a reunião de oração na sala da escola. Mas, introduzindo-se pouco a pouco a fraqueza e a decadência entre os seus frequentadores, essa reunião semanal ficava às vezes deserta, e por fim falou-se em suprimi-la.

Só uma mulher protestou contra esse meio estranho, e não poupou nenhum trabalho para animar os membros influentes do rebanho, a fim de manterem a reunião e esforçarem-se para lhe dar nova vida.

Foi trabalho inútil; respondeu-se-lhe que se tinham usado todos os meios e que ninguém vinha mais. E a reunião foi abolida.

Mas essa piedosa mulher não desanimou.

— Se ninguém quer vir à reunião de oração, disse ela, isso não me impedirá de eu ir!

Com efeito, na quarta-feira seguinte, vai para a sala da escola à hora costumada. Aí, ora, canta um hino, lê a Bíblia, termina a oração e afasta-se com alegria de Deus no coração.

Voltando para casa, encontra um vizinho.

— Onde vem? pergunta-lhe ele.

— Da reunião de oração.

— Eu suponha-a abolida. E quem havia lá?

— Havia só Deus e eu, respondeu a mulher; e tivemos uma boa reunião, que foi abençoada, e quarta-feira próxima há-de haver outra igual.

O facto espalhou-se no lugar, falou-se muito e de modo diverso do zelo perseverante dessa mulher piedosa. Seu exemplo confundiu muita gente, e na quarta-feira seguinte, quando a mulher voltou à escola, ficou surpreendida por achar a sala repleta de irmãos e irmãs em Jesus Cristo,

humilhando-se diante do Senhor, e pedindo-Lhe com lágrimas uma nova efusão do Seu Espírito.

Não somente a reunião de oração foi restabelecida, mas ainda foi ocasião de um departamento da piedade naquele lugar. — *Revista Adventista*, brasileira.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

Curso de aperfeiçoamento para Colportores

22-24 DE MAIO DE 1953

Acabam de sair da imprensa dois esplêndidos livros — *O Bebê e Crianças e Animais* — com que os nossos colportores irão trabalhar durante alguns meses.

Antes, porém, de se iniciar esta nova campanha, os nossos obreiros da página impressa estiveram reunidos em Lisboa, a fim de em conjunto haurirem novas energias, estudarem novos métodos e trocarem novas impressões.

Encontravam-se presentes catorze colportores efectivos, dez alunos do Seminário que trabalharão durante as férias e seis novos colportores, perfazendo um total de trinta.

Há muito que não tínhamos um curso com tão elevada categoria de instrutores, pois se tratava nada menos do que dos irmãos G. A. Huse, Secretário do Departamento das Publicações da Conferência Geral, e F. Charpiot, Secretário do mesmo Departamento da Divisão Sul-Europeia.

Diversas vezes tivemos oportunidade de

ouvir o irmão Huse, que nos contou muitas experiências para provar quanto pode fazer um colporteur consagrado e para mostrar como a página impressa constitui um factor de primacial valia para trazer almas para a Verdade.

Este irmão teve palavras de apreço para o nosso trabalho de publicações em Portugal, as quais, se não nos lisonjearam, nos incutiram novo ânimo para maiores consecuições.

O irmão F. Charpiot, no seu estilo característico, focou os diversos aspectos das actividades da colportagem, sob o ponto de vista teórico e prático, ilustrando continuamente as suas palavras com interessantes experiências.

Além das mensagens propriamente ditas, foram feitas demonstrações da apresentação de livros e revistas.

Em todos os sentidos, podemos considerar este como um dos melhores cursos de colportagem a que temos assistido.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE ABRIL DE 1953

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António Duarte	103	960\$00	3.870\$00	4.830\$00
Luísa Saboga	150		2.240\$00	2.240\$00
Luísa Maria	99		1.970\$00	1.970\$00
Parreira Lopes	89	870\$00	1.030\$00	1.900\$00
Clemente Sales	37	1.050\$00	765\$00	1.815\$00
Júlia Costa	155		1.695\$00	1.695\$00
Isaias da Silva	66	1.680\$00		1.680\$00
Idalina Ferreira	32		1.400\$00	1.400\$00
João J. Nobre	126	810\$00	420\$00	1.230\$00
Ester Santos	75		1.150\$00	1.150\$00
João António	155	400\$00	500\$00	900\$00
Flora Saramago	109		730\$00	730\$00
Laura Fernandes	108		525\$00	525\$00
Júlia Sanches	143		525\$00	525\$00
Diversos	306	840\$00	2.585\$00	3.425\$00
	1.635	6.610\$00	19.405\$00	26.015\$00

O Secretário de Publicações

FERNANDO GARCIA MENDES

Departamento dos M. V.

O Sábado e os Jogos

Faz-se muitas vezes esta espinhosa pergunta: «Pode jogar-se em dia de Sábado, e a que jogos?»

É pena que se faça tal pergunta. É pena e é sintomático! Seria certamente mais útil falar do «espírito do Sábado» do que dos jogos *permitidos e proibidos* nesse dia. Mas seria demasiado longo...

Todavia, há um princípio que todos conhecem, mesmo as crianças. É que o Sábado é um dia santificado, ou seja, posto de parte para um uso santo.

Para os verdadeiros cristãos o jogo é um recreio. Para os outros, é um divertimento. Noutros termos, para os primeiros os jogos têm por fim renovar o organismo, proporcionar-lhe um melhor desenvolvimento das suas energias; para os segundos, o jogo serve para esquecer, para fugir da vida, para libertar-se dos cuidados, para «passar um bom tempo».

Eis, por exemplo, o acampamento do Verão. Durante um longo ano, viveu-se em geral na cidade, no «atelier», na escola, na oficina. No acampamento, é o ar puro e o exercício corporal que se dá ao sedentário, trabalhos manuais que se oferecem ao intelectual, uma vida rude ao delicado, cozinha a fazer aos rapazes e meninas, terraplanagens (pequenas!) e fogo. A todos, oferece-se o desenvolvimento da habilidade, da agilidade do corpo e do espírito, mais frequentemente por meio do jogo. Para nós, o jogo é *educativo*.

Vem o Sábado. Automaticamente, deixa-se de lado a educação pura e simples, dando-se a primazia à educação espiritual. Daí, passeios na natureza, visitas a locais encantadores ou grandiosos, canto coral, concursos e jogos bíblicos, estudos do meio humano pela beneficência, em particular pelas visitas aos doentes e às pessoas de idade.

Mas também é justo ter em conta que os mais jovens são fisicamente incapazes (e por vezes também os mais crescidos!) de permanecer tempo demais na imobilidade. Temos de notar como os jovens são turbulentos depois do culto; e é normal.

Depois de duas horas de tranquilidade é necessário «abrir as válvulas». Há energias a dispendir. É por isso que também no Sábado é necessário fatigar um pouco o corpo dos jovens. Não se pode logicamente pedir às crianças a calma que faz tanto bem aos adultos no dia de Sábado.

E já que estamos nos jogos activos, dizemos que não devem ser violentos. Não devem sê-lo, sob pena de se apoderarem fatalmente de tal maneira do espírito que ocasionem por vezes disputas (contestações entre equipas, discussões sobre as regras dos jogos, etc.) que não pertencem de maneira alguma ao espírito do Sábado. Desejaria aqui desaconselhar vivamente de uma maneira geral a prática dos jogos de equipas no dia de Sábado, bem como todos os jogos excitantes, os que inflamam os jogadores, e por vezes lhes fazem perder um pouco o domínio de si próprios. Estou igualmente persuadido de que, entre os jogos calmos, devem pôr-se de lado (aliás quase em todo o tempo) os jogos que exigem uma tensão prolongada do espírito, porque nesse caso já não há recreio mas fadiga. Assim, os jogos de bola pertencem a esta categoria. As competições desportivas não vêm a propósito neste dia.

Mas, perguntar-se-á: Pode nadar-se, andar de canoa, fazer uma corrida de bicicleta ou alpinismo?

Não posso deixar de pensar no texto de Isaías: «Se desviares o teu pé do Sábado e de fazer a *tua* vontade no Meu santo dia,... nem pretendendo fazer a *tua* própria vontade, nem falar as *tuas* próprias palavras, então te deleitarás no Senhor.» Não se trata de uma ordem, mas de uma consequência. Quer isto dizer que seja proibido nadar, andar de canoa? Não. Isso depende dos casos. Ir à praia ou à piscina, como nos outros dias, pagar a barraca, expor-se ao sol no meio do bulício da multidão? De maneira alguma. No decurso de um passeio, descobrir um recôndito encantador e calmo e, como não há oportunidade durante a semana, permitir-se a alegria de sentir o próprio corpo deslizar por entre

as águas? Por que não? Mas para que escolher o Sábado a fim de fazer a aprendizagem ou para frequentar os lugares buliçosos ou mundanos?

Um amigo possui um barco. Convida-nos a um agradável passeio ao sabor das águas. Aceitar nestas condições nada tem de reprehensive. Mas iremos até ao ponto de vestir trajes de desporto e assemelhar aos outros o dia de Sábado, tomar lugar na bicha do alugador de barcos para passar uma hora de sessenta minutos a remar? Não, não o devemos fazer.

Vedes a diferença? S. Paulo dizia que nada é impuro. Nós diremos que nada é mau, nem uma partida de voleibol; nem um banho, nem a escalada de um monte. Mas há um tempo para cada coisa. O Sábado é o momento do encontro com Deus. E também connosco mesmos diante de Deus. Certos jogos exteriores, porque correspondem a uma necessidade natural, permitirão aos jovens apreciar melhor os momentos de calma. É esse o objectivo do jogo activo no Sábado. O resto deve aproximar de Deus.

«Porque Deus há-de trazer a juízo toda a obra», diz Salomão. Por isso consultemos um pouco a nossa consciência...

Que pensar então das Sociedades que

organizam jogos de pingue-pongue para as tardes de Sábado? O assunto deveria ser tratado mais longamente, mas digamos duas palavras a esse respeito.

Pessoalmente, acho lamentável que certos jovens, e até adultos, sejam de tal maneira indigentes de espírito que tenham necessidade de jogar ao pingue-pongue para passar as tardes de Sábado! É necessário estar ocupado, e buscou-se essa ocupação! O pingue-pongue é um jogo tão inofensivo quanto possível. Mas oferecê-lo aos nossos jovens como distracção das tardes de Sábado revela uma grande falta de imaginação e de espírito por parte destes e de seus chefes. É aí que está o perigo. Não é mau, mas como há melhor, *deve evitar-se*.

Eu sei: este é um meio, dirá alguém, de atrair jovens do exterior. É possível, mas os especialistas vos dirão também quão difícil é, depois, chamar a atenção desses jovens para as coisas espirituais. E que farão os *nossos* jovens? A transplantação é tão perigosa que não vale a pena! Nunca se prestará demasiada atenção à maneira de conseguirmos que o Sábado constitua realmente as delícias de nossos membros, dos jovens e dos outros.

PAUL TIÈCHE

Departamento da Missão Interior

Culto Missionário Mensal

Sendo a igreja organizada para o serviço de ganhar almas, por que não dedicamos mais tempo nos cultos para falar e para orar sobre este assunto tão importante, uma vez que somos como que desafiados para tão grande actividade?

Se o mais eficiente modo de suscitar, no coração de nossos irmãos, o desejo de participar no trabalho de ganhar almas é contar incidentes sobre o trabalho missionário, por que então não dirigimos os nossos cultos missionários de modo que os nossos irmãos possam relatar as suas experiências sobre a maneira como Deus os converteu e como alguém os ajudou a encontrar a salvação, como também têm eles sido instrumentos para a salvação de outras pessoas?

Se a coisa de que mais a igreja necessita não é de sermões, mas de ser ensinada a trabalhar em favor daqueles por quem Cristo morreu, por que, como pregadores e dirigentes missionários, continuamos a pregar ao nosso povo, mesmo nos sábados missionários, e obstinadamente persistimos em fazer a mesmíssima coisa de que somos avisados que não traria os melhores resultados no trabalho de ganhar almas? Talvez tenhamos perdido a verdadeira visão do trabalho, ou sigamos a lei do menor esforço, ou não estejamos nós mesmos ocupados no trabalho de ganhar almas, e portanto, não temos nenhum relato missionário recente a contar para despertar o coração de nosso povo ou da congregação que nos ouve.

Se é verdade que onde há hoje um missionário devia haver centenas trabalhando pelas almas perdidas, então por que não tomamos tempo, pelo menos uma vez por mês, para convidar essas centenas para falar acerca deste trabalho de ganhar almas no modo como acima foi descrito, e não noutra qualquer ocasião, quando apenas poucas pessoas assistirão? Os cultos à noite de quarta-feira ou de sexta-feira jamais poderão tomar o lugar de um culto regular das onze horas de sábado, como ocasião propícia para despertar toda a congregação para o grande trabalho de ganhar almas.

O culto missionário mensal não se pode transformar num real sucesso sem decidido esforço, estudo, planos e orações, mas se for convenientemente dirigido, trará ricos resultados. Estas reuniões podem reacender o fogo em muitos altares onde as chamas já estavam quase extintas. Podem aquecer muitos corações que já estavam quase enregelados. Podem humedecer muitos olhos que já estavam secos. Podem fazer descer do alto o Espírito Santo para tocar o coração e a mente que já se deixaram dominar pela mornidão, e reavivá-los com novos sentimentos e santificadas emoções, ungiendo com celestial gozo os participantes. A nossa mensagem tornar-se-á mais clara e as nossas experiências cristãs mais reais.

O mais afamado pregador, ao fazer o melhor dos seus sermões, jamais pode alcançar o mesmo sucesso de uma reunião de testemunhos em que se relatem os incidentes do trabalho missionário. Experimentem e verão. Nesta reunião, quando estamos falando da distribuição de folhetos, alguns membros podem contar como um folheto lhes trouxe o conhecimento da verdade ou como alguém foi salvo por esta maneira. Ao tratar-se do evangelismo leigo, alguns irmãos devem contar as suas experiências ou as de algum outro pregador leigo. Tratando de visitas de casa em casa, pode ser contado como uma visita, em certa ocasião de grande desconforto e desânimo, trouxe grande bênção. Tratando do nosso trabalho filantrópico, deve contar-se como uma família foi ganha pela bondade no trato e como a oração em favor de uma mãe que estava em dificuldade lhe trouxe novo alento e esperança.

Nas grandes igrejas há grande quantidade de assuntos desta natureza, que pode ser utilizada. Um dirigente bem activo saberá descobrir estes incidentes que auxi-

liarão tanto a ele como aos demais membros, antes que chegue o tempo em que estes incidentes possam ser contados com mais sucesso. Nas igrejas pequenas, onde tudo é mais difícil, bons incidentes desta natureza podem ser coligidos de livros, folhetos ou revistas. Onde o auditório for numeroso, várias pessoas que vão tomar parte em contar incidentes missionários podem subir à plataforma. Nas igrejas pequenas não será necessário isto, poderão desempenhar a sua parte, apenas chegando à frente. Haverá obstáculos e desânimo, disto pode estar-se certo, mas onde houver boa vontade em executar o que for do agrado de Deus, nada poderá mostrar-se como impossível.

No final da reunião deve dar-se oportunidade aos assistentes que pecam orações. Um dos membros da igreja pode chegar à frente e orar em favor dos que pediram. As nossas reuniões de oração podem então ser mais específicas.

Sempre se devem ter livros, revistas, folhetos, etc., à mão, para se distribuírem no final de cada reunião missionária mensal, assim como folhetos que mostram como se deve fazer o trabalho. Uma pessoa deve ficar encarregada desta distribuição. Se alguns dos membros forem tão pobres que não possam comprar novo material, convém as famílias juntarem de seus lares vários exemplares de periódicos, brochuras e livros, e este material então deve ser distribuído para o trabalho de evangelização. Cada irmão deve ser animado a levar alguma literatura. Que nenhuma pessoa saia da igreja de mãos vazias para entrar em acção, trabalhando em favor de um mundo perdido, prestes a ser chamado à barra do tribunal de Deus.

Se tivermos mais frequentes reuniões da comissão do trabalho missionário para tratar desta actividade e para fazer planos em conjunto e orar pelo êxito do trabalho, grandes coisas podem ser alcançadas. Devem ser feitos planos para que cada uma das pessoas que assistem à comissão ajude a preparar um bom programa e boa música e arranje pessoas que contem as suas boas experiências.

O nosso tempo é curto. O campo é vasto. E muitas pessoas estão olhando ansiosas para o céu, esperando apenas ser preparadas para entrar no reino de Deus. Levantemo-nos e façamos este trabalho.

D. E. REINER

NOTÍCIAS DO CAMPO

ANTÓNIO BAIÃO — Acompanhado de sua Esposa, embarcou no dia 19 de Maio, para Angola, o Ir. António Baião. Desejamos abundantes bênçãos sobre o seu Lar e o seu trabalho.

PASTORES G. A. HUSE e F. CHARPIOT — A fim de dirigirem o Curso de Aperfeiçoamento para Colportores, a que noutra parte desta revista nos referimos, estiveram entre nós os Irs. G. A. Huse e F. Charpiot, respectivamente Secretários das Publicações da Conferência Geral e da Divisão Sul-Europeia.

Tendo chegado no dia 21 de Maio, dirigiram aos colportores inspiradas mensagens e úteis instruções, e, além disso, ministraram a Palavra à igreja de Lisboa no Sábado e no Domingo, 23 e 24.

Partiram na segunda-feira de manhã.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

«...E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar». (Act. 2:47) Isto é o que o relato nos diz da igreja nos primeiros dias dos tempos apostólicos. E que prestes a findar a sua história na terra ela não terá dias menos gloriosos, também o Senhor no-lo assegura. A julgar pelas notícias vindas em muitas das nossas publicações, pelas notícias que nos trazem nossos irmãos que ao serviço da Causa de Deus percorrem o Mundo, e pelo que relacionado com a nossa igreja de Lisboa estamos observando, acreditamos sinceramente que o tempo da finalização da Obra de Deus na terra chegou.

Ao fazermos estas afirmações, é ainda sob a influência da abençoada reunião baptismal que acaba de ter lugar na nossa igreja, e em que desceram às águas 27 almas, 18 das quais de Lisboa. É a segunda, nestes cinco primeiros meses do corrente ano. O nosso templo estava repleto de ouvintes atentos, tanto o vasto salão, como as galerias. Além dos membros da igreja, muitas eram as visitas que estavam connosco. Umás que pelas primeiras vezes estão entrando em contacto com a Mensagem de Deus para a presente geração. Outras, estão estudando a Verdade, e, outras ainda, que se estão preparando para num próximo futuro também se unirem ao Povo de Deus.

Tivemos o prazer da presença do Pastor G. A. Huse, Secretário Geral do Departamento das Publicações da Conferência Geral e do nosso bem conhecido e estimado Amigo Pastor F. Charpiot, do mesmo Departamento da nossa Divisão, que se encontravam em Lisboa dirigindo um curso de aperfeiçoamento a um belo grupo de colportores. O Pastor Charpiot, que está relacionado com a história da Obra Adventista no nosso País há aproximadamente um quarto de século, teve palavras de ânimo, de estímulo, para a vasta assembleia reunida nesta hora. Também o Pastor G. A. Huse, que mais tarde tomou a palavra,

disse do regozijo que sentia pelo que acabava de presenciar. Além destes irmãos de fora, também nos deram o prazer da sua presença e colaboração nesta reunião, os nossos amáveis Irmãos Presidente e Secretário da União Portuguesa. Nesta tarde de Sábado, tivemos ainda o prazer da presença de um entusiástico grupo de tentes do Barreiro e do Seixal. Tomou uma parte activa nesta reunião o jovem mas consagrado Obreiro daqueles lugares, Irmão Manuel Laranjeira, que nos quis dar o prazer de ministrarmos o baptismo a nove preciosas almas, frutos dos seus esforços e dos esforços dos membros da igreja daqueles lugares. Os nossos parabéns, queridos irmãos de «além do rio», e que Deus lhes conceda o visitarem-nos muitas vezes com o mesmo fim.

Após a cerimónia baptismal, perguntámos à assistência quantas eram as pessoas presentes que estavam fazendo planos para num breve futuro também se unirem à igreja pelo baptismo. Queríamos orar com tais almas. Foi maravilhosa a resposta: Dezenas de almas se levantaram! O Pastor Pedro Ribeiro através de uma inspirada oração entregou estas queridas almas aos cuidados e direcção de Deus.

Ao findarmos esta reunião, podia ler-se no rosto de cada crente a alegria que lhe ia no coração. Irmãos Colaboradores da igreja de Lisboa (e pela graça de Deus, tantos eles são!): Continuem a orar e a trabalhar pela finalização da Obra de Deus na nossa grande cidade.

M. LEAL

Porto

É com muita satisfação que venho expor nesta revista os progressos do trabalho de Evangelização aqui no Porto. Como de sempre a sala tem estado repleta de almas que vêm escutar a palavra do Senhor. Fora da sala, a Sociedade Missionária tem empenhado todos os esforços lançando uma campanha de distribuição de Verdades Eternas em diferentes bairros da cidade. Todos os membros válidos têm tido a sua quota parte neste belo trabalho de Evangelização. Vão-se vendo os resultados deste esforço; algumas pessoas que a princípio não queriam ficar com os folhetos são hoje bons leitores dos mesmos e desejam comprar a Bíblia. Todas as pessoas que estão lendo o magno livro «Aos Pés de Cristo» estão interessadas na mensagem do Advento. Uma senhora ao receber as nossas irmãs disse: Já estranhava a vossa demora, tenho estado à janela a ver se as via vir porque já eram as horas do costume. Que consolação notarmos que a palavra do Senhor está sendo bem recebida pelas almas que vivem nesta cidade. O diabo não está muito contente com o trabalho e procura a todo o momento lancar dificuldades para nos desanimar nos nossos intentos.

No dia 4 de Abril a Igreja do Porto viveu horas de alegria vendo descer às águas batismais 12 almas. Não são só os membros do Porto que se regozijam com isto; são todos os mem-

bros das Igrejas do nosso País. Sim, irmãos, é motivo para nos alegrarmos saber que em qualquer parte se unem almas à Igreja.

Abrimos nova sala no Rio Tinto. Para isso tem contribuído muito o nosso prezado irmão Duarte, Colportor Evangelista, que tem dado a sua colaboração. O trabalho ali marcha muito bem, a sala tem estado sempre cheia. Os nossos amigos Católicos têm ultimamente procurado impedir as reuniões. Quarta-feira lá estavam os amigos de paus nas mãos, e pedras nas algibeiras, uma pobre mulher trazia o avental cheio de pedras que despejou à porta da sala. Era a portadora das munições para o combate. Pobres criaturas, que ignoravam o poder da palavra de Deus! Após a reunião que assistiram e ao saírem para a rua um deles disse: É pá, afinal tem-nos saído tudo ao contrário, viemos aqui com uma ideia e levamos outra.

Não há dúvida de que se Deus é por nós quem será contra nós? Tudo isto é necessário para a nossa fé e enraizar mais a nossa esperança na vinda do Salvador.

Eu sei que o meu Redentor vive, e Ele me dará a recompensa no último dia, não só a mim, mas a todos quantos confiam n'Ele.

O vosso dedicado

JOSÉ JÚLIO PIRES

Setúbal

«Registamos, com tristeza, o falecimento, em Palmela, da nossa saudosa irmã Leocádia de Sousa, mãe do nosso irmão diácono Joaquim Jones. A este irmão, apresentamos sentidos pésames.»

JUVENAL GOMES

Tomar

Os dias 23 e 24 de Maio foram dias de festejo espiritual para a Igreja de Tomar. No Sábado, dia 23, pelo meio dia, nove crentes, seis dos quais Jovens, uniram-se ao Senhor pelo Baptismo. Vimos a mão do Senhor sobre a Igreja e especialmente sobre as almas encaminhadas aos braços do Divino Pastor.

Entre os Candidatos encontrava-se a nossa irmã Ludovina que tantos anos viveu debaixo do jugo de Satanás, torturada por um espírito imundo. Já havia tempo que o mau espírito a abandonara, tendo Deus atendido as nossas orações. Mas era de esperar que na altura da entrega desta alma ao Salvador, o maligno viesse reclamar o que usurpara. Foi o que aconteceu, e durante o exame dos candidatos, minutos antes da imersão, o inimigo tornou a apoderar-se dela. Travou-se então luta renhida. Conjurado a sair e abandonar esta alma que pertencia ao Senhor, o espírito respondia: «Não, é minha! é minha!» Mas a oração da fé foi atendida e o inimigo afastou-se. Uma grande paz encheu o coração desta nossa irmã e se reflectia no seu rosto, e neste instante foi baptizada. Alegramo-nos por esta alma ter sido arrancada a Satanás e por estar agora nos braços de Jesus.

Instantes depois a Igreja dirigia-se à Charola onde passou uma tarde de comunhão fraternal,

em contacto com a Natureza. De certo que este dia não foi apenas ditoso para nós na Igreja de Tomar mas também o Céu inteiro se regozijou, dando louvor a Deus pelas vitórias do Evangelho.

O Dia 24 foi escolhido pela celebrar a muito desejada festa das mães. Oferecida pelos Jovens em homenagem às suas mães, esta festa tem sempre o condão de enternecer os corações e trazer à nossa Igreja numeroso público. A Juventude estava tanto mais entusiástica que neste dia se realizava igualmente, na sala dos M. V., a exposição dos trabalhos dos Jovens, patente nesta altura ao público e que foi muito visitada. Revelavam-se aí talentos por vezes inesperados nas obras ali apresentadas entre as quais objectos de madeira, calçado, labores e desenhos. Os nossos parabéns aos habilidosos artistas e de modo especial ao jovem Fernando Ribeiro que, apesar da sua tenra idade, 14 anos, confeccionou com habilidade e perfeição um móvel em miniatura que obteve o primeiro prémio. Mas outra actividade bem mais valiosa da parte dos jovens deve ser considerada: a nossa Juventude valorosa devemos mais de 80 por cento da nossa Campanha das Missões, que está terminando. Oremos pela nossa Juventude chamada a tão glorioso destino, para que o alcance e se consagre inteiramente ao Senhor.

Contemplando as várias actividades da nossa Igreja, reconhecemos nela a mão de Deus e, agradecidos, exclamamos: «Até aqui nos ajudou o Senhor».

JOSÉ ABELLA

Barreiro

Das ordens dadas por Jesus aos Seus discípulos, há sem dúvida uma que maior impressão lhes causou e a qual eles se esforçaram por cumprir. Foi ela, como nós sabemos, a seguinte: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer e for baptizado será salvo e quem não crer será condenado».

Destas palavras nunca os discípulos se alhearam ou esqueceram, pois da sua actualização dependia o êxito da sua missão, que era essencialmente a missão do Mestre. Assim constatamos depois da partida de Jesus para o Céu que: «Todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar», resultado do esforço destes abnegados servos de Deus que pela causa que tinham abraçado tudo sacrificavam, inclusivamente a própria vida.

Pois bem estas palavras do Mestre, se bem que pronunciadas há quase dois mil anos, têm ainda o mesmo sentido e valor e constituem uma ordem para todo aquele que se coloca ao serviço de Deus.

Serviram estas palavras de introdução a umas outras palavras noticiosas que serão para os prezados leitores algumas boas novas do trabalho realizado no Barreiro e no Seixal.

No belo sábado dia 23 do corrente, realizou-se em Lisboa, no nosso belo Templo, uma excelente sessão baptismal dirigida como sempre pelo Pastor Manuel Deal. Foram cerca de trinta os baptizados, sendo 5 do Barreiro e 4 do Seixal: os outros pertenciam a Lisboa. Foi um espectáculo inesquecível pela solenidade e espiritualidade com que tudo decorreu, sentindo-se a mão de Deus em toda a reunião.

Das igrejas da margem Sul do Tejo muitos foram os irmãos que se deslocaram até à Capital para dar um maior incitamento e calor aos nossos novos irmãos na fé.

A nossa maior alegria é ainda motivada pelo belo fruto já colhido, neste tão pouco tempo de trabalho na igreja do Seixal, mas nós sabemos que isto apenas é possível porque Deus está ao trabalho e nós nas suas mãos somos simplesmente humildes servidores.

Agradecemos, pois, ao Senhor por aquilo que nos tem permitido fazer e que se digne ajudar-nos ainda mais para que assim ainda preciosas almas possam vir para o Seu aprisco, arrependendo-se dos seus pecados, baptizando-se e preparando-se finalmente para um bom encontro com Cristo.

É com tristeza que anunciamos, que no dia 3 de Maio faleceu no Hospital do Rego o senhor Joaquim Fernandes Chaves, de 51 anos de idade, pai das nossas queridas irmãs na fé, Margarida, Adelaide e Maria Chaves, do Seixal, vitimado por uma longa e pertinaz doença.

Este nosso amigo e simpatizante foi sepultado no cemitério de Benfica.

Apresentamos às nossas Irmãs, as nossas mais sentidas e sinceras condolências.

MANUEL LARANJEIRA

Vila Real de Santo António

De uma carta do irmão Manuel Miguel transcrevemos a seguinte notícia:

«No dia 30 de Maio tivemos um Sábado abençoado. Baptizaram-se quatro pessoas, — duas senhoras de Faro, e um senhor e uma jovem de Vila Real. Cooperou comigo o irmão Chaves e tudo foi cristãmente agradável.

«Nesse mesmo dia realizámos a Santa Ceia.

«Convidámos alguns irmãos isolados, como os de Moura e Portimão, que partiram visivelmente satisfeitos e decididos a viverem uma vida cristã perfeita, segundo eles mesmos o disseram. Também tivemos o prazer de ver connosco alguns irmãos de Faro.»

MISSÃO DE S. TOMÉ

Por sua vez escreve-nos o irmão Eliseu Miranda, director da Missão de S. Tomé:

«A actividade da Missão é exercida, além da sede, nos lugares da Trindade, Santana, Bombom, onde temos salas mobiladas e catequistas. No Caixão Grande arrendámos uma sala regular, que vai ser inaugurada durante o mês de Junho. Presentemente estamos também fazendo trabalho em Santo Amaro, Caixão Grande e Neves. Nas Neves temos tido auditórios de mais de cem pessoas. Neste período de quatro anos fizemos reuniões em mais de catorze diferentes lugares nos arredores da cidade e suas vilas.

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Provincias Ultramarinas

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

JOVENS!

VAMOS AO ACAMPAMENTO!

Temos já algumas dezenas de inscrições para o Acampamento a realizar-se em Agosto, em Tomar.

Não percam os jovens a esplêndida oportunidade que lhes é oferecida este ano, dada a beleza excepcional do local e as facilidades financeiras que lhes oferecemos.

Durante alguns dias ainda aceitamos inscrições.

Jovens: Vamos ao Acampamento!